



O MECANISMO E SUAS CONSEQUÊNCIAS SOBRE O MOVIMENTO HUMANO

Myrthes Gonzalez

Psicóloga

Diretora da Escola de Biodanza de Porto Alegre - RS

“A base conceitual de Biodanza provém de uma meditação sobre a vida, do desejo de renascer de nossos gestos despedaçados...”
Rolando Toro

A história do movimento humano também é a história da humanidade. Todos os períodos históricos tiveram consequências sobre a corporeidade. Neste texto busco refletir especialmente sobre como o período histórico que se caracteriza pelo mecanicismo e como este vai atingir a corporeidade e conseqüentemente vai determinar a forma como os seres humanos se movimentaram nos últimos séculos.

As reflexões do filósofo René Descartes foram determinantes para a visão de mundo na idade moderna. Descartes propõe uma supremacia da razão em detrimento da corporeidade. Sendo, para ele, o corpo uma máquina criada para servir aos objetivos da razão.

O dualismo mente-corpo não é uma invenção cartesiana mas podemos dizer que Descartes acentuou esta dissociação.

A visão racionalista de Descartes é contemporânea aos avanços tecnológicos na medição do tempo. Na Idade Média, devido a forte disciplina nos mosteiros católicos, havia a necessidade de uma mensuração do tempo, permitindo a imposição de uma divisão de tarefas durante a jornada a partir da sua medição. É desta época que surgem os rudimentos da medição mecânica do tempo. A partir do século XIV em diante a necessidade de instrumentos adequados às grandes navegações foi fazendo com



que os relógios mecânicos, que inicialmente eram enormes e eram encontrados nas torres das igrejas, fossem diminuindo de tamanho, tornando-se gradativamente comuns em ambientes de trabalho e domésticos.

Podemos perceber que desde o início a medição mecânica do tempo teve influências sobre a corporeidade. Tendo como objetivo organizar e criar método na rotina humana, padronizando movimentos e práticas.

Mas a mecanização da medição do tempo ocorre em uma época de grandes avanços tecnológicos que gradativamente vão estabelecendo a troca da produção artesanal pela mecanização da produção em grande escala por máquinas que substituem o trabalho humano.

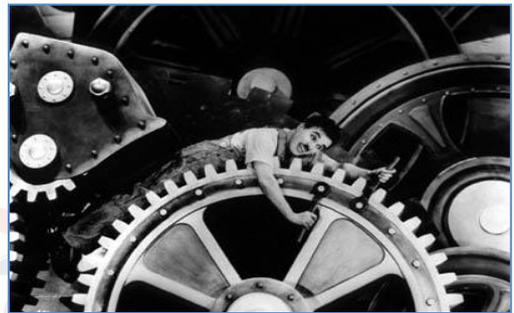
Para termos noção da dimensão corporal desta mudança é necessário pensarmos no estilo de vida do artesão. A produção artesanal, nos centros urbanos dos séculos XVI e XVII, se dava em pequenos grupos ou mesmo um só artesão fazia todo o processo. Em geral não havia uma divisão rígida de tarefas nem um rígido controle do tempo ou da produção. Isto não significa que havia condições ideais de trabalho, pois as cidades em geral não tinham estrutura de saneamento e os burgos estavam mais organizados em função de estratégias de defesa do que voltados para o bem estar dos que ali viviam. Mas de certa forma podemos dizer que a produção não tinha um impacto decisivo na organicidade do movimento. O trabalho braçal não repetitivo, em que o trabalhador tem consciência de todo o processo de produção, em geral, adquire uma conexão com a dança - movimento pleno de sentido.

O fenômeno chamado de revolução industrial inicia-se no século XVIII, na Inglaterra. Neste momento grandes máquinas, inicialmente movidas a vapor, substituem parte do trabalho



anteriormente feito pelo artesão. Existe aqui uma modificação muito radical na estrutura social. O dono da máquina não se envolve diretamente no processo de produção, mas emprega um grande número de pessoas que vão fazer parte deste processo atuando junto às máquinas.

Isto criou uma nova categoria profissional de pessoas que vendiam sua força de trabalho em troca de uma pequena parte do valor gerado pela produção (mais valia). Este tipo de relação, que ainda hoje determina a produção em nossa sociedade, iniciou de forma brutal. Eram empregados desde crianças até velhos, mulheres e homens com cargas horárias de até mais de 16 horas diárias. Situação que somente mudou com a organização dos trabalhadores em movimentos sociais.



Charles Chaplin no filme Tempos Modernos

As modificações no movimento humano decorrentes deste período histórico são muito impactantes. Podemos salientar dois pontos:

- 1 – O elemento central da produção passa a ser a máquina, muito mais eficaz em termos de produtividade. O ser humano passa a fazer parte da produção como uma espécie de “coadjuvante” da máquina. De certa forma é parte de suas engrenagens. É como uma engrenagem, uma peça sem um significado especial, que pode ser trocado por outra igual no caso de falha.
- 2 – O trabalhador não tem mais consciência da totalidade do processo de produção. Em geral é utilizado em somente um ponto do processo com movimentos repetitivos e sem significado. Seu movimento não tem mais sentido, está esvaziado de qualquer criatividade e identidade. O homem é uma peça da máquina. Durante os movimentos repetitivos existe um processo brutal de dissociação mente-corpo. A mente navega em outras esferas fora do tempo presente e do espaço da fábrica.

No início do século XX as fábricas passam a contar com cada vez mais sofisticadas linhas de produção. Taylor estudou a organização dos ambientes e dos maquinários de forma a estabelecer uma economia dos gestos. Segundo ele uma parte da energia que poderia ser destinada a produção era desperdiçada por movimentos não direcionados a esta. Taylor influencia em toda a organização dos ambientes contemporâneos na busca de uma objetividade absoluta e sem desperdícios na produção dos bens de consumo. O trabalhador da linha de produção passa a ter seus gestos medidos e controlados de forma a direcionar toda sua energia motora à tarefa a ele designada.

É somente no final do século XX que se constata que estes gestos repetitivos e sem sentido geram um afastamento crônico do aqui agora, um estado de transe desintegrador onde a pessoa se ausenta de si mesmo dia após dia, durante muitas horas por dia. Por consequência teremos uma série de prejuízos à saúde em nível de corporeidade e de espiritualidade.

Nos anos 80 já se sabe que é importante que o trabalhador se envolva com todas as partes do processo de produção e que dê significado aquilo que produz, caso contrário, acaba adoecendo, seja por doenças de origem psicossomática, psiquiátricas ou acidentes de trabalho.

Esta constatação remete diretamente a percepção de que os movimentos ditos corporais estão diretamente associados à saúde mental e que a qualidade destes movimentos determina a qualidade de vida e a forma de perceber e se relacionar com o mundo.

Chegamos finalmente ao início do século XXI em uma sociedade hiper tecnológica onde os processos de linha de produção já são quase completamente automatizados e o trabalho braçal é substituído, em larga escala, por equipamentos de alta tecnologia. Quais são as inevitáveis consequências sobre a corporeidade? Que tipo de movimento esta sociedade propõe? Será que superamos o mecanicismo

ou entramos em uma versão mais sofisticada dele?

Atualmente vivemos em um mundo inseparável da mecanização, este processo histórico mudou drasticamente a natureza e também a relação do humano consigo mesmo.

Como viver hoje sem luz, água encanada, internet, telefone, computadores, carros, trens, aviões e tantos outros equipamentos tecnológicos? Estaríamos completamente não adaptados se voltássemos a viver como há 50 anos.

Gradualmente estamos nos afastando da necessidade de nos envolvermos diretamente com trabalhos repetitivos e pouco criativos e podemos pensar que este é um fato extremamente libertador. Mas não podemos esquecer que o que move nossa estrutura econômica hoje é o consumo.

A criação de um mundo virtual cada vez mais indispensável e absorvente implicou em uma “pacificação” dos movimentos. A motricidade fina, os gestos dos dedos e o olhar voltado horas a uma tela, criam uma dificuldade de interação com o mundo não virtual. A não virtualidade exige suor, músculos e atenção multidirecional. Proliferam doenças relacionadas a movimentos repetitivos das mãos e uma obesidade quase epidemia.



A virtualidade, a globalização e o consumo criam um ser humano passivo por um lado e irritado por outro, pois está habituado aos resultados imediatos do computador. Perdem-se radicalmente detalhes sutis da interação humana que passa a ser feita de forma mais desenvolvida na virtualidade que na interação direta. Fenômenos de ressonância que são baseados nesta interação direta se perdem causando dificuldade nas relações humanas, ausência de empatia e mal estar emocional.

A medicina alerta para as doenças provenientes do sedentarismo e se cria um



novo tipo de prática, cada vez mais difundido onde o exercício físico é visto hoje como uma necessidade de saúde. E de fato é necessário para compensar nosso estilo de vida inerte. Mas é importante refletir sobre a forma como é feito e suas motivações.

Muitas vezes ele reflete e reforça uma profunda dissociação mente-corpo. A falta de percepção das sensações corporais é causa e consequência de um estilo de vida voltado ao consumo. O exercício é praticado como uma obrigação é como se o corpo fosse um animal trancado o dia inteiro dentro de uma jaula e então seria importante, de tanto em tanto, levá-lo para passear, preferencialmente sobre controle, em uma coleira.

Muitas vezes o praticante de exercícios encontra uma motivação na manutenção de sua saúde física e da beleza estética. Aqui o corpo é um objeto que deve ser bem cuidado e preservado.

Mas felizmente também o nascer do novo milênio traz junto de si uma necessidade premente de mudança. Ainda impactados e de certa forma descrentes das possibilidades geradas pelo avanço tecnológico, muitas pessoas procuram repensar sua relação com o consumo e por consequência vão gerando um processo de integração onde corporeidade e espiritualidades tendem a se fundir na busca de um ser integral.

A humanidade chega a um extremo de dissociação, mas, como em todo ápice, existe um declínio, neste caso, uma chance de mudança.